

Vinhos

Fora de moda

O conceito de moda convive com o apelo da novidade, axioma facilmente identificável com o idealismo consumista contemporâneo. Perdidos numa busca incessante por novas tendências, novas atrações, acabamos por perder as referências essenciais do passado. Quantos vinhos quedaron esquecidos?



Rui Falcão

O universo da moda, esse mundo tão peculiar, instigador de novas tendências, propulsor do efémero, responsável pela procura desregrada da modernidade, numa espiral de incessantes transformações e mudanças, simboliza de forma dramática a vivência social contemporânea. Uma sociedade de gostos passageiros, de gostos mutáveis e facilmente manipuláveis, onde o culto do imediato, a total ausência de fidelidade e a carência de modelos fortes e duradouros são responsáveis por uma inconstância e volatilidade exorbitantes. Moda responsável pela padronização de gostos, pela estratificação de sabores, de princípios e sentimentos, privilegiando o superficial em detrimento do intelectual. É inegável que a moda, ao potenciar e estimular a mudança, dinamiza a vida social ditando novos conceitos e novos valores. Mas, por ser demasiado volátil e apegada à imagem, por privilegiar a forma em detrimento do conteúdo, a moda é igualmente castradora da razão.

Infelizmente, também o vinho está sujeito aos desvarios e arbítrios da moda. Também o vinho sofre com as oscilações de gostos, com os jogos das tendências, com a ilusão da publicidade, com a volatilidade de quem procura constantemente ser diferente. A moda, por ser extraordinariamente fugaz, pode ter consequências dramáticas no mundo do vinho.

Serviu este intróito para dissertar sobre alguns vinhos que, vítimas das misteriosas regras que determinam a moda, perderam os favores da crítica e do público. Vinhos excelentes e

originais, vinhos irrepreensíveis na sedução e no carácter, referências regionais ou nacionais que, por razões que a razão não pode explicar, perderam a graça e o crédito junto do público. Os exemplos abundam e espalham-se, sem excepção, por todas as regiões vinhateiras portuguesas.

O caso mais paradigmático, por ser tão incompreensível, é o Duas Quintas Reserva, da Ramos Pinto, um dos emblemas intemporais do Douro, um dos pioneiros dos vinhos tranquilos na região, um dos percussores dos lotes entre vinhas de diferentes quintas... a diferentes altitudes. O Duas Quintas Reserva, durante anos justamente considerado como símbolo de excelência, imagem de prestígio e sinal de distinção, súbita e inexplicavelmente deixou de ser comentado, perdendo de imediato o estatuto de referência.

Porquê? Não sei - mas sei o vinho não perdeu qualquer predicado, porque o lote continua excelente, na junção imaculada entre modernidade e classicismo, entre a rudeza e a grandiosidade monumental do Douro. O teste é fácil. Basta experimentar o Duas Quintas Reserva 2005, colheita presente no mercado, para perceber a excelência da proposta.

O Alentejo oferece o enigma dos vinhos da Tapada de Chaves. De vinhos de culto, celebrados e aclamados por entusiastas de todo o país, os vinhos da Tapada de Chaves, Portalegre, caíram inesperadamente no mais profundo esquecimento. Sim, os vinhos são singulares, originais pelo prolongado tempo de estágio, inusitados para as leis de mercado e para a realidade alentejana, libertados tarde, quase uma década depois da vindima Mas o lote continua fresco e vivo como sempre, com a cereja e a ginja a



O vinho Duas Quintas é produzido no Douro

tomar a iniciativa, com o tabaco, o aniz, o vegetal seco e os apelos de terra molhada a servir de estímulo. Com a boca suave, os taninos doces, a acidez distinta e um final longo, dentro do seu estilo, é um vinho encantador.

E que dizer dos vinhos da Quinta das Maias, nome grande na primeira metade da década de noventa, nome olvidado e desbotado neste início de novo milénio? Sim, é verdade que as Maias têm vivido ofuscadas pelo sucesso da Quinta dos Roques, irmão maior e, entretanto, projecto mais respeitado a partir da segunda metade da década de noventa do século passado. Mas como explicar este progressivo empalidecer do nome Maias? Como explicar que vinhos que apresentam uma identidade própria, um estilo diferenciado, com castas originais e

uma expressão tão singular possam ser tão ignorados? Sobretudo quando a Quinta das Maias é o único produtor nacional a apresentar um vinho modelar da casta Jaen, o exemplo sacrossanto da casta em território nacional. Sobretudo quando, após anos de interregno nos vinhos de perdição, se edita o Flor das Maias 2005, reedição carnal do profundo e misterioso Quinta das Maias Rótulo Preto de 1990, o primeiro vinho fetiche da casa.

E, claro, não posso terminar sem uma derradeira evocação do passado, de um vinho outrora amado, e hoje tão mal amado -

PAULO BRICA

O mundo dos vinhos

Joana Ramos Simões

Garrafa de Porto em cápsula do tempo para comemorar vitória de Barack Obama

O Porto Vintage Quinta de Vargellas 2005 foi o vinho escolhido para ser colocado numa cápsula do tempo, a propósito da comemoração da tomada de posse de Barack Obama, o 44.º presidente norte-americano. A cápsula foi enterrada na província de Ontário, Canadá, e será reaberta daqui a cem anos. Na cápsula foram também colocados um DVD com fotografias e canções dedicadas a Barack Obama, uma cópia do primeiro jornal da autoria de afro-americanos do movimento Underground Railway e cartas e mensagens escritas por cidadãos canadianos e norte-americanos, onde estes comentam a histórica eleição de um afro-americano para o lugar de presidente dos Estados Unidos. **Fonte: Taylor's**



Oeiras quer projectar o vinho de Carcavelos

Oeiras vai criar este ano uma confraria para promover nacional e internacionalmente o vinho de Carcavelos. A iniciativa visa projectar a região demarcada de Carcavelos e obter retorno de uma produção que tem vindo a aumentar na última década, sem chegar, no entanto, ao grande público. As campanhas de 2007 e 2008 resultaram em 37.100 e 28.230 litros, respectivamente, mais do que o quádruplo dos 7050 litros obtidos em 2001, ano em que a produção passou da Estação Vitivinícola de Dois Portos para a oitocentista adega do Casal da Manteiga, na Quinta do Marquês de Pombal. O presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais, garante que a partir de 2010 haverá condições para comercializar o vinho licoroso de Carcavelos Conde de Oeiras (marca registada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial desde 2006). Para reforçar as medidas de incentivo à expansão do Carcavelos, a autarquia vai aplicar mais de 275 mil euros na plantação de 13 hectares de vinha, que passará a totalizar 20 hectares em 2012. Com um teor alcoólico que ronda os 15 a 20 por cento, o vinho de Carcavelos é um dos poucos vinhos generosos nacionais,



categoria que partilha com vinhos como o Porto, o Madeira e os moscatéis de Setúbal e Faveiros. Segundo a enóloga Estrela Carvalho, o primeiro documento conhecido sobre esta vinha data de 1370, mas foi no século XVIII que o aperitivo ou digestivo conheceu o seu apogeu, por iniciativa do primeiro conde de Oeiras e marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello. Nesse período,

conquistou várias medalhas e menções honrosas e chegou a ser o vinho mais exportado para Inglaterra, superando o vinho do Porto. O município tem também em curso um projecto de construção do Museu da Vinha e do Vinho de Carcavelos, na antiga Adega da Quinta do Barão. **Fonte: agência Lusa**

Leilões renderam menos em 2008

Os leilões de vinhos raros e de excelência renderam em 2008 menos cerca de 25 milhões de euros do que em 2007, à volta de oito por cento, de acordo com números revelados recentemente por grandes leiloeiras. Nos Estados Unidos, o decréscimo chegou aos 20 por cento em relação a 2007. À excepção da Hart David Hart e da Sotheby's, todas as grandes leiloeiras registaram em 2008 valores de vendas mais baixos do que em 2008. Na Christie's, por exemplo, a quebra foi de 29 por cento. "Os vinhos que atingiram os valores mais altos nos últimos anos foram os que perderam mais este ano", disse Jamie Ritchie, responsável pelo departamento de vinhos da Sotheby's norte-americana.

Fonte: winespectator.com

Colares. Mas, como espero muito em breve estender-me sobre o assunto, por ora deixo apenas, em jeito de memória, a recordação dos Colares Chitas, vinhos encantadores, capazes de combinar uma feliz dose de ingenuidade com um carácter singular. Vinhos originais, deliciosos, de uma autenticidade e identidade espantosas. Claro que, por serem tão diferentes, são vinhos incompreendidos, por vezes injustiçados. Sim, é verdade, têm pouca fruta, são terrosos, salinos, pouco alcoólicos, ou seja, vinhos ao revés das tendências modernas. Experimente o Colares Chitas 2003, ou em alternativa o Colares Chitas branco 2005, e não se vai arrepender.

Nem imagina a surpresa que vai sentir quando descobrir todos os clássicos que tem estado a perder.